

TRABALHO: LUGARES E SIGNIFICADOS

Leila Blass

RESUMO

Trabalho, enquanto figuração da modernidade, está, em geral, associado ao emprego, também chamado por trabalho assalariado, nas indústrias. No entanto, trabalho recobre um campo amplo de práticas e atividades, extrapolando a oposição binária entre mundo do trabalho e do não-trabalho.

Fugindo das visões apocalípticas que reiteram a chamada crise da sociedade do trabalho ou “fim da centralidade do trabalho”, é forçoso reconhecer que as metamorfoses na organização dos processos produtivos e nas relações de trabalho, na viragem do século XX, vêm desafiando cientistas sociais, nas sociedades contemporâneas. Um desses desafios seria repensar noções, categorias de análise e valores que norteiam os seus estudos. Dentre essas, destacaria a noção moderna de trabalho que informa a análise sobre as diferentes práticas de trabalho, nessas sociedades, e atribui, de antemão, lugares e significados ao trabalho, reduzindo-o ao emprego. Por isso, alguns autores envolvidos nesse debate indagam: em que medida se trata de uma crise do trabalho em geral? Ou do trabalho na forma histórica que assume a partir do final do século XVIII, na Inglaterra, enquanto emprego fabril?

Pretendo abordar essas questões, tendo por referência a produção de um desfile anual de Carnaval pelas grandes escolas de samba de São Paulo (Brasil).

Palavras-chave: Trabalho, emprego, não-trabalho, modernidade, produção artística, desfiles de carnaval, Brasil.

ABSTRACT

Work as a figuration of modernity is generally associated with Employment, also known as salaried work in the industries. However, Work stands for a wide field of practices and activities, transcending the binary opposition between the realms of Work and of Non Work.

Evading from the apocalyptic visions, which restate the supposed crisis in the working society, or the “end of Work’s centrality”, it is mandatory to admit that; the metamorphoses which took place in the organisation of the productive processes and in the working relationships, in the turn of the 20th century, have been challenging social scientists in contemporary societies. One of those challenges would be rethinking notions, analysis categories and values which guide its studies. Among those, I highlight the modern notion of Work, which informs the analysis

of the different working practices in those societies, and attributes, beforehand, places and meanings to the work, reducing it to Employment. For this reason, some authors involved in this debate inquire: to what extent is it a crisis of Work in general? Or a crisis of Work in its historical form, assumed by the end of the 18th century, in England and related to textile employment?

I intend to approach those subjects, having as reference the production of an annual Carnival parade by the major Samba Schools from São Paulo (Brazil).

Keywords: Work, employment, nonwork, cultural industrie, carnaval parade, samba schools from Brazil.

INTRODUÇÃO

Pensar o trabalho e o futuro das sociedades, diante das metamorfoses do trabalho nas sociedades contemporâneas, implica considerar, de imediato, que toda forma de vida societária pressupõe atividades e tarefas de trabalho. Ou seja, não existe vida coletiva sem trabalho. Quando se fala de trabalho, fala-se, portanto, da sociedade. Este pressuposto remete ao próprio título desta comunicação: trabalho, lugares e significados.

Quais seriam seus objetivos desta reflexão, se todos já sabem, nos dias atuais, o papel do trabalho na produção e reprodução da vida, o seu lugar social e significado individual e coletivo? Em que medida importa retomar esse debate no tempo presente marcado por turbulências e incertezas, estando todos convencidos de que não se terá, no futuro, o que se tinha antes?

Mesmo reconhecendo a legitimidade dessas inquietações, este fato não invalida a importância histórica de se refletir, como sugere Barthes (1985), a respeito das práticas de trabalho nas sociedades contemporâneas, pois, embora “o trabalho seja um fato ancestral, isso não o impede de modo nenhum de ser um fato perfeitamente histórico.” E acrescenta ainda: “o trabalho é ‘natural’, na exata medida em que é ‘lucrativo’, e que modificando a fatalidade do lucro, modificaremos, talvez um dia, a fatalidade do trabalho.” (idem:115)

Inspirada por essas palavras, tentarei, nesta comunicação, chamar a atenção sobre a forma histórica que o trabalho assume nessas sociedades, sendo identificado ao emprego de homens adultos profissionais pagos que exercem suas atividades fora de casa, principalmente, nas fábricas modernas. A organização da produção fabril, emergente no final do século XVIII na Inglaterra, constitui a principal referência histórica na construção de uma noção de trabalho associada à “eterna estética dos gestos laboriosos”, como escreve Barthes (1985:115).

Desse ponto de vista, as práticas de trabalho estariam circunscritas às fronteiras do chamado mundo do trabalho, confundindo-se com emprego e, até mesmo com o trabalho assalariado das indústrias, nas cidades. No entanto, trabalho recobre um campo amplo de práticas e atividades que extrapola o emprego e rompe com a oposição binária entre mundo do trabalho e do não-trabalho.

O trabalho das mãos, nas palavras de Arendt (1978), transforma-se em suor do rosto e aparece reduzido, nas sociedades modernas, ao labor. Sob esta forma histórica, predefine os lugares sociais em que é exercido e seus significados individuais e coletivos. Sendo a principal referência para definir o grau de desenvolvimento das sociedades.

Vários autores como, por exemplo, Bouffartigue (1996) e Freyssenet (1993;1995) abordam a problemática do trabalho nas sociedades contemporâneas, desde a sua centralidade, os paradoxos da sua regulação, até a construção da cidadania a partir do acesso ao postos de trabalho assalariado e suas promessas para emancipação humana. Uma questão subsiste, contudo, a esse debate e diz respeito à noção de trabalho que o informa. Ou seja, trata-se de uma crise do trabalho em geral? Ou de uma determinada forma de emprego? Está em discussão a concepção universal de trabalho? Ou a expressão histórica que assume no capitalismo, enquanto emprego/ trabalho assalariado?

Historiadores e antropólogos concordam com a fato de que, conforme escreve Freyssenet (1993; 1995), “a economia, a produção e o trabalho... tais como os conhecemos nas nossas sociedades são noções e domínios, claramente, constituídos a partir do século XVIII na Europa, com a diferenciação de um mercado capitalista no interior do mercado que o precede” (idem:18 e 229). Antes, a economia, a produção, o trabalho estavam, para esse autor, “encastelados, misturados na política ou na religião, fundidos com eles” (Freyssenet: 230).

Fundamentado nessas considerações, esse autor chama a atenção para o fato de que o trabalho, embora seja aparentemente considerado “inerente à condição humana”, nem sempre existiu como o conhecemos atualmente. O trabalho foi “automatizado das outras atividades”, permitindo falar em invenção (idem, 227). Porém, ainda está longe o fim da sua centralidade. Esta possibilidade implicaria a emergência de outras relações sociais. Quer dizer, “seria preciso que a venda das capacidades de trabalho de cada um ou do produto do seu trabalho, mesmo que, parcialmente, seja somente a condição para ter acesso ao que se tornou historicamente as condições de vida nas nossas sociedades. Seria preciso também que o capital não fosse mais a medida dos investimentos em todos os campos, sejam eles antigos ou novos...” (idem, 243)

Seguindo nessa perspectiva, Bouffartigue (1996) também considera que a “crise contemporânea do trabalho” trata, basicamente, de uma “crise do trabalho assalariado e do fenômeno salarial”. Nesse sentido, torna-se fundamental, para esse autor, diferenciar a noção de trabalho, enquanto categoria antropológica universal, e a “categoría del trabajo asalariado: esta última fue ‘inventada’ al tiempo que se instalaba

el capitalismo industrial como modo de producción dominante, a la vuelta del siglo XVIII” (idem: 94). A partir de então, trabalho aparece cada vez mais restrito, do ponto de vista do senso comum, ao emprego remunerado através de um salário. Assim, a remuneração “traduce el reconocimiento social y económico de su utilidad en una sociedad mercantil” (idem: 98). Em contrapartida, muitas práticas de trabalho não são reconhecidas, socialmente, pois não se enquadram nessa definição. Logo, as atividades classificam-se como “trabalho” ou “não trabalho”, conforme o contexto de relações sociais em que estão inseridas. Isto indicaria, para Bouffartigue (1996), que “el trabajo no se ha podido reducir nunca totalmente a su forma asalariada: ni la separación entre la esfera del trabajo asalariado y la de la vida fuera del trabajo...” (idem: 98)

É forçoso reconhecer, portanto, que as metamorfoses do trabalho, nas sociedades contemporâneas, e nas relações de trabalho incitam os cientistas sociais a repensar, inclusive, o termo “trabalho”. Em decorrência, torna-se também um enigma, enquanto categoria de análise porque está envolta por mistificações.

As mistificações evidenciam os “claros” de uma realidade que é preciso compreender, sem eliminá-los, de imediato, como objeto de conhecimento. Conforme Pais (2003), implica “descer à profundidade das aparências para descobrir a seriedade do fútil e da parcialidade (e) chegar à lógica do sentido pelo caminho do ‘não sentido.’” (idem: 63)

Seria descobrir, em outras palavras, o significado do trabalho no aparente não trabalho reinante nas práticas sociais de lazer como, por exemplo, na produção de um desfile de carnaval nas escolas de samba.

Um estudo sociológico acerca do trabalho e do emprego, neste início do século XXI na América Latina, supõe respostas teóricas e requer propostas políticas que considerem as tradições culturais herdadas e as diferentes experiências históricas que convergem na construção da idéia de trabalho e de trabalhador.

Essas questões ganhariam ainda mais relevância, quando se assume a perspectiva de quem faz determinadas tarefas e atividades, não apenas o que e como se faz, conforme certos padrões técnicos e tecnológicos. Por isso, acentua Souza-Lobo (1991), “aquilo que parecia ser, exclusivamente, uma relação técnico-organizativa”, expressa diferentes subjetividades em constante interação social.

A produção das festas populares e de outras manifestações culturais, dentre elas, a de um desfile anual de Carnaval por uma grande escola de samba, fornece alguns subsídios para essa reflexão. Essa produção abrange uma pluralidade de processos de trabalho que compreende, desde a elaboração de um enredo, a composição de sambas

de enredo, a confecção das alegorias, adereços e das fantasias, até a realização do desfile oficial, durante o período de carnaval. Neste caso, as práticas de trabalho e de emprego aparecem fundidas e misturadas no chamado mundo do não trabalho – ou da festa. Estas práticas inserem-se na rede de sociabilidade, solidariedade e de vínculos afetivos que remetem ao sistema de relações sociais construído na convivência cotidiana de uma escola de samba.

Essas considerações não ignoram os desafios a serem enfrentados, diante das tendências contemporâneas do emprego, mas pretendem chamar a atenção para a dimensão humana presente no trabalho – e no emprego- e sua possível articulação com as atividades lúdicas (Blass, 2001). Esta análise requer, contudo, outro olhar a respeito dos lugares sociais definidos para o exercício das práticas de trabalho e de trabalho assalariado, obrigando os cientistas sociais a repensar a idéia moderna de trabalho que norteia o próprio debate dessas tendências.

TRABALHO E SEUS LUGARES

O discurso moderno de trabalho emergente na Europa Ocidental, no último cartel do século XVII, ganha contornos mais nítidos, para Diez (2001), no final do século XVIII e generaliza-se com as relações capitalistas de produção no decorrer do século XIX. Para esse autor, “la impactante novedad del nuevo discurso del trabajo y su flagrante modernidad, expresadas ambas en una idea del trabajo totalmente desacralizada, significativamente relativizada y descaradamente vinculada al explosivo y problemático mundo del deseo (...) se elabora, en su etapa de formación, desde dos amplias perspectivas: producción y consumo (...) está referido a todo el hombre y no solo al trabajador como mero productor de bienes económicos, de riqueza.” (idem: 121-2)

A idéia moderna de trabalho resulta, de um lado, da concepção de trabalho produtivo elaborada pela economia política mercantilista e ilustrada e, por outro, da noção de trabalho motivado que surge no contexto histórico da apologia ao luxo. A primeira delas inspiraria, conforme Diez (2001), as formulações iniciais de “una teoría de la sociedad ocupada que podemos considerar como una primitiva formulación de la idea de sociedad del trabajo.” Enquanto a segunda, propõe “un concepto de laboriosidad que aparece... como pulsión subjetivamente motivada para la actividad laboral, productiva o improductiva.” Laboriosidade é concebida como virtú, se for traduzida em “força para ação” (idem: 122).

As experiências e encontros dos europeus com os habitantes do Novo Mundo fazem parte desse processo histórico, inclusive, o olhar europeu sobre a relação que os selvagens parecem ter – ou não ter – com o trabalho.

As imagens dos ditos civilizados são elaboradas, conforme Jacob (1994), a partir das imagens sobre os ditos selvagens, surgindo, gradativamente, a idéia de que “civilizar é tornar-se industrioso”. Tendo como critério fundamental as práticas de trabalho assalariado, as sociedades são divididas, classificadas e hierarquizadas em modernas, desenvolvidas, em desenvolvimento, contrapostas às sociedades pré-modernas, pré-capitalistas, subdesenvolvidas tradicionais ou primitivas. Nestas formas de vida societária, a palavra emprego pode ser desconhecida e as atividades consideradas de trabalho cruzam-se às chamadas de não trabalho, lazer ou ócio e não se opõem uma às outras.

A análise de Dias e Gambini (1998) caminha nessa direção, quando escrevem: “na vida indígena nunca houve separação abrupta entre trabalho e lazer, por exemplo (...) o trabalho não está associado à amargura, embora, fisicamente, às vezes seja pesadíssimo. Mas quem tem oportunidade de ver índios trabalhando no sistema deles, pode ver que o trabalho é alegre porque eles estão juntos. O mero fato de estar todo mundo junto cria alegria. Eles fazem piada enquanto trabalham, riem, conversam brincam.” (idem:19)

Junqueira (2002) exemplifica esse fato com o trabalho na roça, entre os Cinta Larga de Serra Morena, que está “recortado de momentos de lazer e conversa, como se a intenção fosse aproximá-lo da coleta, das expedições de caça, ocasiões repletas do imprevisto ditado pela natureza.” (idem:67)

É importante lembrar ainda que as relações assalariadas se expandem nas sociedades capitalistas ocidentais, tendo em contrapartida, conforme Quijano (1988), a manutenção dos diferentes processos produtivos já existentes nos continentes “recém-descobertos” pelos colonizadores. Esses continentes “não eram desabitados, mas esparsamente povoados conforme a disponibilidade ecológica” (Altvater,1995:181). O trabalho encontra-se, de tal modo, inserido no sistema de relações sociais que as atividades de trabalho propriamente ditas como, por exemplo, caça, pesca, plantio, confecção de artefatos, preparação dos rituais etc encontram-se inseridas no conjunto de atividades concebidas, nas sociedades modernas capitalistas, como sendo de não-trabalho.

Tendo como referência esse cenário social, o grau de separação e de fragmentação das esferas da produção, distribuição e consumo com dinâmica própria e autônoma

entre si tornam-se um dos principais indicadores econômicos para se caracterizar o estágio de desenvolvimento das várias formas de vida societária. Tratando-se das sociedades modernas e desenvolvidas, os locais de trabalho designados como mundos do trabalho (Hirata, 1997) encontram-se separados dos locais de moradia, das atividades domiciliares e outras designadas como lazer que, enquadradas nas práticas de tempo livre, formariam o chamado mundo do não trabalho. O tempo social estrutura-se, por consequência, conforme a jornada regular de trabalho que o divide em tempo de trabalho e em tempo livre. Assim, trabalho contrapõe-se às atividades de lazer confundidas com ócio. Somente o emprego nas grandes empresas gera renda e os trabalhadores assalariados opõem-se aos artistas e artesãos cujas práticas estão fora do processo de geração de riqueza social à medida que não apresentariam um estatuto de trabalho, nem sequer de emprego.

A noção de trabalho, criada e imaginada na modernidade, não abrange, portanto, as atividades de não-trabalho. A fábrica moderna, na sua universalidade abstrata, e o emprego fabril, por conseguinte, tornam-se o paradigma das análises sociológicas do trabalho, reafirmando a cisão entre mundo do trabalho e do não trabalho, tendo em vista que o trabalho assalariado nas fábricas ou nas grandes empresas tende a predominar nas sociedades desenvolvidas e nas chamadas sociedades em desenvolvimento ou emergentes. A partir de então, emprego confunde-se com trabalho, sendo considerado a única forma possível de trabalho, embora seja a forma histórica que o trabalho assume, como acentua Barthes (1985), nas sociedades modernas. Assim dessacralizado, trabalho associa-se, de imediato, aos sentimentos de castigo, dever moral, punição, dor, obrigação, mobilizando as imagens sociais de “cruz que se carrega para o resto da vida”.

O ato de trabalhar, enquanto ato criativo, perde, assim, a sua magia. Atua sobre a natureza que se transforma em celeiro de matérias-primas e de energia. Parece sem conexão com as manifestações do sobrenatural e com o sistema de relações sociais no qual se sustenta.

O trabalho assalariado ou emprego, ao gerar riquezas, torna-se a principal fonte da acumulação de capital. Os olhares das Ciências Sociais e da Economia Política, inspirados no ideário iluminista, voltam-se, completamente, para sua dinâmica à medida que constitui na fonte geradora de capital, da riqueza das nações e do progresso. Escreve Diez (2001) a esse respeito: “la importancia del trabajo en la economía política de la época viene determinada por su sistemática dedicación a investigar qué es riqueza económica, cuáles son las causas de la riqueza de las naciones y cómo

pueden procurarse desarrollos sostenidos de la riqueza nacional.” (idem: 123) A ética do trabalho, na perspectiva iluminista, desvincula-se, para esse autor, de quaisquer versões de ascese, seja religiosa como signo de salvação, seja política como realização da cidadania (Diez, 2001: 136) Nesse contexto, surge a configuração histórica do trabalho assalariado, tornando-se a referência principal da organização do trabalho (idem:142), seja ela qual for.

O trabalho tem, portanto, uma linguagem que se expressa em vários lugares e apresentam múltiplos significados. Os estudiosos das questões referentes ao trabalho e ao emprego na sociedade brasileira, ao desconsiderar esse aspecto, ignoram as heranças indígenas e as experiências de escravidão africana na formação da idéia de trabalho e na constituição do trabalhador assalariado brasileiro (Blass, 2000).

TRABALHO E SIGNIFICADOS

As práticas de trabalho e de emprego, quando remetidas às dimensões sociais, fazem parte da vida, perseguem outros objetivos e valores como, por exemplo, de convivibilidade, solidariedade e responsabilidade. Indagam os modelos universais e civilizatórios fundados na cisão entre economia e sociedade; entre produtor e consumidor; trabalhador, enquanto pessoa, e força de trabalho; trabalho concreto e trabalho abstrato; sujeito e objeto da produção.

Na produção das festas populares e das manifestações culturais, dentre estas, os preparativos de um desfile anual de Carnaval, ficam diluídas essas dicotomias, promovendo a efetiva participação e envolvimento de quem produz e faz acontecer esse desfile. Desaparece, assim, a oposição entre trabalho, emprego e não trabalho, entendido como lazer, uma das dimensões teóricas da noção moderna de trabalho.

Os preparativos, a montagem do desfile de Carnaval pelas grandes escolas de samba e o próprio desenrolar do desfile articulam múltiplos saberes e uma pluralidade de fazeres, considerados artísticos e não artísticos, que pressupõem, como sugere de Certeau (1994), uma arte no fazer “ou dizer” de uns que pode ser decodificado por outros. Nessa medida, revelariam, através do trabalho, o seu potencial criador, essencialmente humano, presente em toda produção. Como afirma Ostrower (1976), “nem na arte existiria criatividade se não pudéssemos encarar o fazer artístico como trabalho, como um fazer intencional produtivo e necessário que amplia em nós a capacidade de viver” (idem: 31).

Dessa perspectiva, não seria possível dissociar atividade artística e criatividade do fazer concreto que se traduz em “diferentes campos de trabalho”, conforme o “caráter da matéria” no qual opera. A produção de um desfile de Carnaval resulta, portanto, dos vários processos de criação, que a compreende, envolvendo valores éticos, estéticos e práticos do Carnaval que são elementos presentes no criar, no sentido mais amplo (Ostrower, 1976: 5). Requer, assim, um método, ou seja, um conjunto de táticas e estratégias que faz parte de todo ato de criar.

O método ordena a seqüência operacional do saber-fazer que consiste, em si mesmo, uma arte que “precede por sua complexidade, a ciência esclarecida” (De Certeau, 1994: 137). As práticas de trabalho, no âmbito do barracão, reinventam tradições das corporações de ofício e reatualizam heranças culturais presentes na formação histórica brasileira. Portanto, o modo “popular” de produzir a festa de Carnaval, fonte inspiradora para implementação das modernas formas de gestão do trabalho e da produção, precede essa proposta organizacional, baseada em referências científicas. Assim, táticas e estratégias “populares” e tradicionais presentes no saber-fazer um desfile de Carnaval ganham um caráter de “novidade”, sob o olhar empresarial.

O trabalho e o emprego ocupam, contudo, outro lugar e apresentam outro significado na produção de um desfile de Carnaval, ao agregar homens e mulheres, jovens e adultos, artistas plásticos já bastante conhecidos ou totalmente anônimos, soldadores, carpinteiros, marceneiros, eletricitas, técnicos em decoração, cenografia, iluminação que são contratados como assalariados, sem deixar de exercer práticas artesanais de trabalho. Cada um, individualmente, produz a festa (coletiva), gera o belo, não o útil, segundo a lógica do consumo, não da acumulação.

Os saberes e fazeres são, nesse caso, conhecidos apenas, como acentua De Certeau (1994), “pelo intérprete que o esclarece no seu espelho discursivo”. E não, segundo essa visão, por quem faz o desfile acontecer e o produz. Trata-se, portanto, “de um saber não sabido”, que descarta a pergunta “se há saber (supõe-se que deva haver), mas este é sabido apenas por outros e não por seus portadores” (idem: 143; grifos do autor).

Importa explorar “esse saber não sabido” que permeia também a produção da arte para glória do efêmero, uma das características da produção artística no Carnaval, que se desdobra em trabalho e no emprego, identificado ao trabalho assalariado. Embora esta festa seja avaliada, do ponto de vista artístico, como “manifestação ordinária”, ela expressa uma arte de pensar, fazer e dizer” da qual dependem, tanto as práticas ordinárias, como a teoria” (de Certeau, 1994: 149). No entanto, as múltiplas maneiras

de “fazer com” diluem as fronteiras que separam trabalho e arte; trabalho, emprego e lazer; e opõem mundo do trabalho ao mundo do não-trabalho.

Para essa análise, destacam-se dois momentos importantes, quando se destaca a figura do carnavalesco. O primeiro consiste na apresentação da sinopse do enredo aos coordenadores das equipes de artesãos e aos que estarão, de algum modo, envolvidos na produção do desfile como, por exemplo, o mestre da bateria, os compositores, os responsáveis pela harmonia e o tesoureiro da escola de samba. Essa tarefa é desempenhada pelo carnavalesco.

O segundo momento seria o desfile propriamente dito, quando ganha visibilidade pública o trabalho, até então, oculto do barracão.

Acertado o enredo com a Comissão de Carnaval da escola de samba e divulgada a sinopse, o carnavalesco promove uma série de reuniões e encontros. Reúne-se com os projetistas para desenhar os carros; com os coordenadores das equipes para selecionar o material a ser usado na confecção dos carros e nos adereços; com os estilistas para criar as fantasias; com os diretores da Harmonia para discutir a articulação das alas com os carros alegóricos e decidir os tópicos a serem ressaltados no enredo; com os aderecistas que, em conjunto com os estilistas, propõem as alegorias e os figurinos dos destaques.

Antes de iniciar a construção dos carros alegóricos, são coletadas e registradas, por meio de fotografias e/ou desenhos, algumas imagens espalhadas pelas cidades como, por exemplo, de edifícios, monumentos históricos, esculturas que podem contribuir para melhor expressar as várias partes de um enredo. Para tanto, é realizada uma pesquisa bibliográfica e visitas aos museus, arquivos e bibliotecas nacionais e internacionais. O principal objetivo desta fase de produção de um desfile de Carnaval seria recolher dados e informações que permitam marcar, de modo claro, um enredo durante o desenrolar desse desfile, nos dias de carnaval. Para isso, a seleção das imagens consiste uma das condições, ao lado da reprodução fidedigna das imagens nas alegorias, fantasias e adereços exibidos pelos protagonistas do desfile oficial de carnaval.

A apresentação das escolas do Grupo Especial é preparada, durante meses, na quadra, no barracão e nas oficinas que se situam em locais diferentes na cidade, ou mesmo nos seus bairros.

A quadra, espaço sagrado, dá visibilidade pública às atividades da escola de samba, porque abriga a sede administrativa e os ensaios semanais dos seus principais

elementos, nos meses imediatamente anteriores ao carnaval. O barracão, designada por alguns como oficina dos sonhos, constitui o local da criação e da produção das alegorias e fantasias e, portanto, das atividades do Carnavalesco e dos seus auxiliares diretos e outros profissionais. Essas atividades são invisíveis para o conjunto dos membros de uma escola de samba e desenrolam-se, sob o controle direto dos membros da diretoria. O ambiente no barracão está envolto por truques e segredos. As atividades nas oficinas, espaço da contratação por empreitada, são administradas pelos chefes de alas de evolução e sua equipe. Nelas são confeccionadas a(s) fantasia(s) da(s) ala(s) que foi(foram) escolhida(s) pelo seu coordenador ou foi definida pela comissão de Carnaval. Cada uma delas organiza as suas atividades, de maneira autônoma, com o objetivo de confeccionar e vender a fantasia correspondente a(s) sua(s) ala(s). Poucos integrantes da escola de samba têm acesso às oficinas de ala.

A montagem de um desfile segue um cronograma e um plano estratégico, adaptado e readaptado a todo momento, englobando uma pluralidade de atividades que se definem por sua invisibilidade e a descentralização. Resulta ainda de vários processos de trabalho que são sucessivos, sincrônicos e simultâneos, porém não lineares. Desenrolam-se em diferentes lugares e combinam atividades individuais e coletivas.

Esse plano é estruturado, a partir de um enredo, mas não perde de vista a ação das escolas concorrentes na disputa final no Sambódromo. Portanto, a competição e o produto final ordenam a organização dos vários processos de trabalho na quadra, nas oficinas e no barracão, partindo do fim para o começo, isto é, ao revés. Os preparativos de um desfile iniciam-se na desmontagem dos carros alegóricos e das fantasias restantes do desfile anterior a fim de selecionar o material utilizado no carnaval anterior, verificando o que pode ser reciclado e reaproveitado no âmbito do que De Certeau chama de “arte da sucata”, também denominada, por outros autores, como bricolagem. Todos os artesãos participam desse processo, no barracão. Ao mesmo tempo em que isso ocorre, são coletadas informações e imagens que irão compor a narrativa de um enredo. Para tanto, são pesquisados diferentes tipos de material passíveis de serem utilizados na confecção das alegorias, fantasias e adereços criados pelo carnavalesco e/ou estilistas contratados por uma escola de samba.

A produção artística do Carnaval requer, portanto, a execução de várias atividades e tarefas; diferentes saberes e fazeres; operações e informações que levam em conta, principalmente, os custos do material a ser usado e o tempo para sua produção. Os custos e a qualidade das alegorias construídas no barracão e das fantasias confeccionadas

nas oficinas de ala são, rigidamente, controlados pelo carnavalesco e seus auxiliares diretos. A eficácia competitiva de uma escola de samba no desfile oficial depende, em parte, desses aspectos.

Os usos e as táticas implícitas no modo de fazer certas atividades na produção de um desfile de carnaval parecem fora de lugar, pois não obedecem aos lugares em que essas atividades deveriam se inserir. A arte da “sucata”, conforme a concebe De Certeau (1994), apareceria na composição de alguns sambas- enredo quando são feitas colagens de palavras e expressões. O seu principal objetivo seria “embelezar o samba”, como mostra Augras (1998: 174-5), privilegiando mais a sonoridade dos fonemas do que o significado das palavras. A prática da “sucata” pode ser encontrada dentro e fora da grande indústria, apesar de perseguir estratégias diferenciadas. No contexto industrial, “inscreve-se no sistema da cadeia industrial (é seu contraponto, no mesmo lugar), como variante da atividade que, fora da fábrica (noutro lugar), tem a forma de bricolagem” (idem:92).

O lazer ou diversão para uns requer, desse modo, o trabalho e/ou emprego de outros. Se, de um lado, estão os consumidores das atividades de lazer; de outro, encontram-se os seus fazedores como demonstra, por exemplo, a produção literária, cinematográfica, televisa; os espetáculos de dança, teatro; os concertos musicais, as exposições de arte, as competições esportivas etc. Todas elas oferecem produtos aos espectadores que resultam de vários processos de trabalho, geram emprego e muitos deles ainda preservam o estatuto de trabalho, enquanto obra, na concepção Arendt (1978). Desenrolam-se, contudo, em outros lugares e apresentam outros significados.

Esse olhar “por dentro” de uma produção artística, seja ela qual for, mas principalmente com as festas populares, questiona a visão romântica que envolve o seu efetivo acontecer. Os valores humanísticos do trabalho e do emprego transparecem, promovendo o seu reencantamento e apontando uma articulação possível entre trabalho, emprego e atividades lúdicas (Blass, 2001). Desse ponto de vista, indaga

¹ Entrevista realizada, por mim, em 28 de outubro de 2002, na residência de Renato Theobaldo, carnavalesco do Vai Vai entre 1991-1993.

² Conforme Guedes (2002), “para os trabalhadores brasileiros, ter profissão não é, de modo algum incompatível com a necessidade e a valorização da acumulação de diversos outros saberes”, construídos nas relações familiares, de parentesco, de vizinhança e de trabalho (idem:4).

sobre a fragmentação do conhecimento sociológico e suscita um conjunto de questões que envolve valores, visão de mundo e o futuro da sociedade. Chama a atenção também para a aplicação extensiva de modernas tecnologias e a persistência de fazeres e saberes tradicionais, um dos aspectos das formas contemporâneas de gestão do trabalho e da produção, nas grandes empresas industriais ou não.

Os preparativos e o desenrolar de um desfile de carnaval rompem com a cisão entre razão e emoção; produtor e consumidor, envolvendo, inclusive, os espectadores/consumidores. Estes participam dos desfiles no Sambódromo e da sua produção, ao interagir com quem desfila e ao preencher os “vazios” da narrativa de um enredo, através da leitura dos seus códigos verbais e não verbais. Assim, compartilham a magia da festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de trabalho e de emprego na produção de um desfile de carnaval deixam evidente, principalmente, o modo popular de organização dos processos produtivos. Mostram como são feitos esses desfiles que envolvem milhares de pessoas e, mais ainda, quem o faz acontecer e a rede de sociabilidade e de solidariedade que o sustenta todos os anos. As práticas de trabalho, incluindo as assalariadas, ganhariam, no contexto das relações sociais das escolas de samba, outros significados.

Um desfile de carnaval contém um “exagero de trabalho”, constata Theobaldo¹, possibilitando que muitos, como os carnavalescos, “ganhem a vida”. As comemorações de Momo geram emprego e estabelecem um mercado de trabalho assalariado, regido por regras próprias. São regras que dizem respeito às tradições familiares na realização de uma certa tarefa; aos contatos com o samba, ao local da aprendizagem – oficinas de fantasias, adereços, barracão – e ao tipo de tarefa a ser executada, segundo uma hierarquia e um conjunto de distinções entre novatos, experientes e profissionais², como descreve Vasconcellos (1999). Todos são, contudo, avaliados no seu saber fazer concreto.

Os dados e informações reunidos e sistematizados, neste texto, visam retirar do anonimato os artesãos e profissionais do carnaval, isto é, os seus fazedores, permitindo-lhes que se expressem na sociedade, através dos produtos do seu trabalho. Em outras palavras, está longe de preencher “vazios temáticos” em áreas pouco exploradas pelos estudos sociológicos relativos às questões do trabalho, ao constatar-se de que existe trabalho e emprego fora das fábricas e das grandes instituições empresariais.

A análise do “exagero do trabalho” no carnaval, como tentei mostrar nesta comunicação, “borra as fronteiras” que classificam e separam, de modo valorativo e hierárquico, as atividades lúdicas, associadas ao lazer, e as demais concebidas como trabalho ou emprego. Se essa reflexão está, de um lado, delimitada por um cenário social que limitaria, do ponto de vista de Foucault (2000), a ultrapassagem possível da “fatalidade do trabalho assalariado” na modernidade, parafraseando Barthes. É forçoso reconhecer, de outro lado, que traz em si uma aposta no sentido de restituir às práticas de trabalho e de emprego as suas dimensões lúdicas. Instala, portanto, um possível recomeço para se repensar o significado do emprego ou do trabalho assalariado para os próprios assalariados(as) que experimentam, lentamente, restrições na capacidade humana de criar e na sua liberdade de ação, particularmente, nas empresas modernas, sejam elas industriais ou não.

Desvela-se, nesses aspectos, uma das principais dimensões do trabalho e do emprego que se pode resgatar da organização de um desfile de carnaval, não para um futuro pretérito, mas para o futuro presente. Embora a produção artística das festas populares, enquanto fonte geradora de trabalho e de emprego, esteja longe das temáticas priorizadas pelas investigações sobre as metamorfoses do trabalho nas sociedades contemporâneas.

Muitos estudiosos dessas questões, mesmo admitindo o seu fazer concreto, consideram as suas práticas de trabalho fora de lugar porque se desenrolam no mundo do lazer. Por isso, escrevem, invariavelmente, a palavra trabalho entre aspas, pois foge do caráter de trabalho, propriamente dito, fundado na noção de trabalho, criada e imaginada na modernidade. Essa noção informa, por sua vez, as investigações sociológicas sobre trabalho e emprego nas sociedades contemporâneas.

A desmontagem dessa noção põe em questão um dos ícones da modernidade: o emprego ou trabalho assalariado. Urge, portanto, o alargamento da idéia de trabalho para que um conjunto de práticas sociais de trabalho, porém não necessariamente assalariadas, ganhe estatuto teórico. Nessa medida, permita o alargamento do espectro dos estudos sociológicos, englobando temáticas e questões relativas, por exemplo, às múltiplas dimensões da produção de um desfile de carnaval e/ou das manifestações culturais; aos sentimentos engendrados e aos significados atribuídos por quem executa determinadas tarefas e atividades, sejam elas assalariadas ou não.

Trabalho e emprego/ trabalho assalariado podem acontecer em diferentes lugares sociais e assumem múltiplos significados para quem o faz. Como sugere Ostrower

(1976), se a atividade que se realiza não apresenta qualquer significado para quem o faz, não há sensibilidade e este fazer concreto deixa de ser criativo (idem: 7). Perde, portanto, a sua dimensão espiritual, seja nas artes, seja nas ciências, seja em quaisquer atividades sociais.

Ficam, assim, delineados os valores a serem perseguidos pelos projetos de desenvolvimento na construção de outras formas de vida societária que extrapolam as políticas de geração de emprego e renda, atualmente, em voga nas propostas políticas mais dispare. A questão fundamental diz respeito a difusão de práticas de trabalho e/ou de emprego pautadas em saberes e fazeres concretos que dão sentido a própria vida de quem as faz.

A produção de um desfile de carnaval em São Paulo, conforme apresentado nesta comunicação, permite concluir que trabalho rima com carnaval. Abre ainda um leque de temáticas para estudo onde destacaria, dentre outras, as interfaces lúdicas do trabalho e emprego; as metamorfoses do emprego; as múltiplas concepções de trabalho e de organização dos processos produtivos nas sociedades contemporâneas e, mais particularmente, no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTVATER, E. (1995). **O preço da riqueza**. Pilhagem ambiental e a nova (des)ordem mundial. São Paulo, Edunesp. Cap.
- ARENDT, H. (1978). **A condição humana**. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- BARTHES, R. (1985). **Mitologias**. São Paulo, Difel.
- BLASS, L. (1998a). Trabalho e suas metamorfoses in Dowbor, L. (Org.). **Desafios da globalização**. Petrópolis, Vozes.
- BLASS, L. (1998b). **Produzindo o desfile**: o trabalho no barracão da escola de samba Margem 8. São Paulo: Faculdade de Ciências Sociais PUCSP.
- BLASS, L. (2000). **Formação multicultural do trabalhador assalariado brasileiro**: o pertinente invisível. Varsóvia, 50º Congresso Internacional de Americanistas (datil).

- BLASS, L. (2001). **Trabalho e emprego na produção artística**. Fortaleza, X Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Sociologia (datil).
- BLASS, L. (2002). **Desfile na avenida, trabalho na escola de samba**: a dupla face do Carnaval. Projeto de Pesquisa, CEPE/ PUSP.
- BLASS, L. (2003). **Trabalho e emprego no Carnaval**: a dupla face das Escolas de Samba. Artigo inédito apresentado no concurso para professora Titular. São Paulo, faculdade de Ciências Sociais PUCSP.
- BOUFFARTIGUE, P. (1996). “Fin del trabajo o crisis del trabajo asalariado?” **Sociologia del Trabajo**, nueva epoca, nº 29, invierno.
- CAVALCANTI, M. L. C. (1996). **Carnaval Carioca**: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/ Min-Funarte.
- CAVALCANTI, M. L. V. (2000). “Roberto DaMatta, o Carnaval e a interpretação do Brasil”. In: GOMES, L.; BARBOSA, L.; DRUMMOND, J. A. (Orgs.). **O Brasil não é para principiantes. Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois**. Rio de Janeiro, ed. Fundação Getúlio Vargas.
- DAMATTA, R. (1979). **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar.
- DE CERTEAU, M. (1994). **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, ed. Vozes.
- DIEZ, F. (2001a). **Utilidad, deseo y virtud**. La formación de la idea moderna del trabajo. Barcelona, Península.
- DIEZ, F. (2001b). “El discurso del trabajo em el siglo de las Luzes”. **Sociologia del Trabajo**, nueva epoca, nº 42, primavera.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. (1992). “A busca da excitação no lazer”. In: ELIAS, N.; Dunning, E. **A busca da excitação**. Lisboa, Difel.
- FOUCAULT, M. (2000). **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FREYSSNET, M. (1993). “L’ invention du travail”. **Futur Antérieur 16**.
- FREYSSNET, M. (1995). “Historicité et centralité du travail”. In: BIDET, J.; TEXIER, J. (DIR.). **La crise du travail**. Paris, PUF.

- HIRATA, H. (1997). Os mundos do trabalho in Casali, A. (Org.). **Empregabilidade e educação**. Novos caminhos no mundo do trabalho. São Paulo, Educ.
- JACOB, A. (1994). **Le travail, reflet des cultures**. Du sauvage indolent au travailleur productif. Paris, PUF.
- JUNQUEIRA, C. (2002). **Sexo e desigualdade entre os Kamaiurá e os Cinta Larga**. São Paulo, PUCSP/ CAPES/Olho d'água.
- MONTES, M. L. (1993). "Oficinas do Sonho". **DESIGN Interiores** 37.
- MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA (MAC/USP). **Catálogo da Exposição "Oficinas do sonho. A Beija-Flor vista do barracão"**. São Paulo, 1993-4.
- OLIVEIRA, K. A. (2002). **Entre o lúdico e a luta: Leandro de Itaquera, uma escola de samba na cidade de São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Antropologia pela FFLCH USP, São Paulo.
- OSTROWER, F. (1976). **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, Vozes.
- PAIS, José M. (2003). **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. S. Paulo, ed. Cortez.
- QUIJANO, A. (1988). "Modernidad, identidad y utopia en América Latina". **Sociedad y Política**. Lima, s/ ed.
- SOUZA, H. M. (1989). **Engrenagens da fantasia: engenharia, arte e convivência**, Rio de Janeiro, Bazar das Ilusões.
- VALENÇA, R. (1996). **Carnaval**. Para tudo se acabar na quarta-feira. Rio de Janeiro, Relume-Dumará.
- VASCONCELLOS, C. C. (1999). E no samba fez escola. Um estudo de construção social de trabalhadores em uma escola de samba. Dissertação de Mestrado. **Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política**. Niterói.